

- RADCLIFFE, David Hill. "Study to Be Quiet": Genre and Politics in Izaak Walton's *Compleat Angler*", *English Literary Renaissance* 22. 1 (1992), pp. 95-111
- SNADER, Joe, "The *Compleat Angler* and the Problems of Scientific Methodology", *John Donne Journal: Studies in the Age of Donne* 12 1.2 (1993), pp. 169-189
- TOLIVER, Cliff, "The Re-creation of Contemplation: Walton's *Angler* in Thoreau's *Week*", *ESQ: A Journal of the American Renaissance* 4 (1992), pp. 293-313
- WALTON, Izaak, *The Compleat Angler 1653-1676*. Ed. Jonquil Bevan, Oxford: Clarendon, 1983

## De Fernão Mendes Pinto a Wenceslau de Moraes: uma tradição restaurada?

Marta Pacheco Pinto\*

Adeus é só  
uma palavra. Em toda a despedida  
há sempre um regresso.<sup>1</sup>

Vêem-me assim vestido, com as minhas barbas longas,  
e mesmo que me dediquem atenção e afecto  
só me podem sentir como estrangeiro,  
eu que sou de todos os lugares e de lugar nenhum,  
eu que sou do sítio da saudade de já não ter pátria  
sem nunca ter consentido que ela morresse em mim.<sup>2</sup>

### CELEBRAR A HISTÓRIA

Em 1614, é impressa pela primeira vez a *Peregrinação de Fernam Mendez Pinto*. No âmbito da celebração dos 400 anos desta publicação, pretende este breve ensaio recuperar o testemunho de Wenceslau de Moraes (1854-1929) sobre a obra e o seu autor, publicado, em 1920, justamente sob o título de *Fernão Mendes Pinto no Japão*. Mais de dois séculos separam Fernão Mendes Pinto de Wenceslau de Moraes e outros tantos os aproximam enquanto protagonistas de momentos-chave da história do relacionamento entre Portugal e o Japão.

A 29 de Outubro de 1971, o filósofo Agostinho da Silva, num artigo intitulado "Wenceslau de Moraes"<sup>3</sup>, determina "três datas fundamentais a considerar nos contactos japoneses com o Ocidente"<sup>4</sup>, sendo as duas primeiras a de

\* Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Pós-Doutoranda (SFRH-BPD/99430/2014).

<sup>1</sup> A. Martins, *Estão agora floridas as magnólias*, p. 47.

<sup>2</sup> J. J. Letria, *Wenceslau de Moraes – o profeta do orvalho*, p. 20.

<sup>3</sup> A. da Silva, "Wenceslau de Moraes", *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira*, vol. II, pp. 221-224.

<sup>4</sup> A. da Silva, "Wenceslau de Moraes", p. 221.

"1542, em que aventureiros portugueses partidos de Macau desembarcaram em Tanegashima"<sup>5</sup>, cujo relato constitui um dos episódios mais conhecidos de *Peregrinação*, e "a do ano em que Wenceslau de Moraes [...] se estabelece em Tokushima, na ilha de Shikoku"<sup>6</sup>, ou seja, 1913. Estas "datas fundamentais" assinalam momentos específicos de contacto do Japão com diferentes personalidades da história e da vida cultural portuguesa, de que se destacam Mendes Pinto e Moraes. A *Peregrinação* é, para Rui Manuel Loureiro, "a mais completa descrição do Oriente feita por um português no século XVII"<sup>7</sup>, sendo considerada um texto fundador da tradição portuguesa das narrativas de viagem. Já a obra de Wenceslau de Moraes, de final do século XIX e princípios do XX, ao mesmo tempo que procurou dinamizar as relações comerciais entre Portugal e o Japão, veio reatar os elos culturais entre os dois países, interrompidos por um longo período de isolamento do Japão (conhecido como a política do *sakoku*, 1639-1854), iniciado pouco tempo depois de os aventureiros portugueses terem aportado a Tanegashima.

Serve este breve intróito para mostrar que o presente ensaio visa cumprir um duplo objectivo. Por um lado, prestar um tributo à narrativa e à viagem de Fernão Mendes Pinto no âmbito da comemoração do IV centenário da publicação de *Peregrinação*. Por outro lado, relembrar um discípulo do aventureiro quinhentista, Wenceslau de Moraes, e assinalar os 160 anos sobre o nascimento deste escritor – que, também ele, passou parte da sua vida em aventuras marítimas por África e sobretudo pela Ásia Oriental –, perfeitos a 30 de Maio de 2014.

#### "A QUESTÃO DO MENDES PINTO"

Em carta datada de 1 de Novembro de 1904, Wenceslau de Moraes desabafa com o amigo Vicente Almeida d'Eça: "Agora, o Christovam Ayres pede-me opinião sobre o Fernão Mendes Pinto. Ora, que massador! como se eu soubesse quem foi este sujeito! Não posso com trabalho, não posso com trabalho!"<sup>8</sup> Nesse mesmo mês, no dia 29, reitera a curiosidade de Cristóvão Aires por Fernão Mendes Pinto e mantém a ficção de desconhecer em absoluto esta personagem: "Um sábio de Lisboa, Christovam Ayres, lembrou-se ha tempos de

vir acordar-me da minha modorra habitual, perguntando-me o que eu sabia de Fernão Mendes Pinto, como se eu soubesse alguma coisa de semelhante ratão. No Japão tambem nada se sabe d'elle"<sup>9</sup>. Cerca de um mês mais tarde, a 28 de Dezembro, retoma o assunto na sua correspondência com Almeida d'Eça: "Se encontrar o C. Ayres diga-lhe a [*sic*] minha parte que eu ainda conto poder enviar-lhe uma resposta *bem japoneza* sobre a questão do Mendes Pinto"<sup>10</sup>. Por *bem japoneza* entenda-se, no sentido literal, uma resposta informada por fontes japonesas sobre se Fernão Mendes Pinto teria, de facto, feito parte do grupo de ocidentais que primeiro desembarcaram no Japão – neste caso, uma resposta informada pelo "amigo Kabuto, juiz presidente do Tribunal de Appellação de Osaka"<sup>11</sup>, a qual nunca teria chegado.

Quase duas décadas depois, em 1920, é publicado n'*O Comércio do Porto*, entre os números de 22 e 29 de Agosto e 5, 12, 19 e 26 de Setembro, o texto "Fernão Mendes Pinto no Japão", a que se segue, ainda nesse ano, a sua edição em separata pelo mesmo *O Comércio do Porto*. Nesse ensaio, o autor procura dar resposta ao desafio lançado por Aires através do testemunho individual de quem se reclama discípulo de Mendes Pinto e se posiciona, a si mesmo e à sua obra, que documenta, *grosso modo*, a sua percepção da vida japonesa, dentro da tradição da narrativa de viagem ao Oriente inaugurada por aquele. Afirma que o seu ensaio serve "o modesto intuito de vir contar, em breves traços, a súmula das impressões que [a *Peregrinação*] me deixou, prendendo-me particularmente a atenção as páginas que se referem ao Japão"<sup>12</sup>. Em 1924, o ensaio surge em apêndice a *Relance da história do Japão*, numa publicação pela editora Maranus, mas evidenciando correcções de gralhas e nele se apresentando "com mais minúcia o itinerário da primeira viagem no Japão do nosso aventureiro"<sup>13</sup>.

Em FMPJ, Wenceslau de Moraes estabelece a *Peregrinação* como um livro que faria parte do cânone das narrativas de viagem<sup>14</sup> e posiciona-se, desde o início do texto, como leitor privilegiado da obra de Mendes Pinto, ao afirmar que, "[p]ara se compreender devidamente o que escreve Mendes Pinto, é

<sup>5</sup> W. de Moraes, *Mensagens de Honshu e de Shikoku*, p. 139.

<sup>6</sup> W. de Moraes, *Mensagens de Honshu e de Shikoku*, p. 147; ênfase do original.

<sup>7</sup> W. de Moraes, *Mensagens de Honshu e de Shikoku*, p. 147.

<sup>8</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, p. 28. Doravante, utilizarei sempre a sigla FMPJ para me referir a esta obra.

<sup>9</sup> A. P. Laborinho, "Introdução", *Fernão Mendes Pinto no Japão*, de Wenceslau de Moraes, p. 25. Aquando dos 150 anos sobre o nascimento do autor, em 2004, a Imprensa Nacional-Casa da Moeda republicou a obra, numa edição de Ana Paula Laborinho, que aqui sigo, acompanhada do fac-símile do manuscrito usado pelo autor na edição de 1924.

<sup>14</sup> Insere a obra na categoria dos grandes livros, visto que "[a]s grandes obras literárias não têm época". W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 29.

<sup>5</sup> A. da Silva, "Wenceslau de Moraes", p. 221.

<sup>6</sup> A. da Silva, "Wenceslau de Moraes", p. 222.

<sup>7</sup> R. M. Loureiro, "O grande retrato do mundo oriental: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto", *Portugal-China: 500 anos*, p. 35.

<sup>8</sup> W. de Moraes, *Mensagens de Honshu e de Shikoku. A correspondência de Wenceslau de Moraes para Vicente Almeida d'Eça*, p. 138.

circunstância indispensável que o leitor se encontre de certo modo iniciado em coisas extremo-orientais<sup>15</sup>. Tacitamente esta convicção sugere que o autor, iniciado sobretudo em coisas japonesas, se consideraria favorecido na sua tarefa de compreensão não apenas de Fernão Mendes Pinto mas também do próprio Japão e suas gentes<sup>16</sup>. Com efeito, Wenceslau de Moraes não hesita em colocar-se na senda de Mendes Pinto, que eleger como o seu mentor e iniciador nas coisas asiáticas, invocando-o como “um irmão mais velho na boémia da vida [...] um notabilíssimo escritor e um maravilhoso impressionista, além de um traficante de pouca habilidade e de um aventureiro incorrigível”<sup>17</sup>.

No seu tributo ensaístico a esse aventureiro incorrigível, o autor enaltece as qualidades narrativas de Fernão Mendes Pinto por ele dizer “tudo que vê, tudo que sabe, tudo que pensa”<sup>18</sup>. Contrapõe Fernão Mendes Pinto a Luís de Camões, por o poeta épico ter retratado os homens n’*Os Lusíadas* tão-só como heróis<sup>19</sup>. Quer a *Peregrinação*, quer *Os Lusíadas* fazem parte da biblioteca pessoal de Moraes, que declara regressar repetidas vezes à leitura destas obras. Se, em FMPJ, afirma “haver lido muitas vezes, sempre com renovado aprazimento, a *Peregrinação* de Mendes Pinto”<sup>20</sup>, em *O Bon-Odori em Tokushima* (1916) confessa, a 12 de Agosto de 1915, ter concluído “pela segunda vez em Tokushima” a leitura de *Os Lusíadas*<sup>21</sup>. As obras parecem igualar-se, para o autor, em importância literária e histórica, ao mesmo tempo que as diferenças que as separam levam Moraes a identificar-se com o aventureiro Mendes Pinto e a distanciar-se do poeta épico.

É através do contraste que desenha entre Fernão Mendes Pinto e Luís de Camões que Moraes enuncia vários critérios ou categorias de análise pelos quais enaltece Mendes Pinto e reclama uma maior aproximação, de si e da sua própria obra, à *Peregrinação*, critérios ou categorias esses de que irei aqui explorar três, a saber: o critério da verosimilhança, o *ethos* da modéstia e a estética do fragmento.

## VEROSIMILHANÇA

No ensaio FMPJ, o autor começa, como se disse, por contrastar Mendes Pinto com Camões a partir da oposição entre realismo e idealização, que, no seu entender, distingue a obra de cada um:

Camões, o grande Camões, erguendo-se às arrojadas eminências do mito épico, viu os homens apenas como heróis e assim fez *Os Lusíadas*. Fernão Mendes Pinto, contemporâneo de Camões, mas muito mais modesto do que ele, escrevendo a *Peregrinação*, deu à luz da publicidade apenas um livro de notas de viagem; em íntimo contacto com muitos aventureiros, cuidou de descrevê-los como eles realmente se lhe ofereciam ao exame.<sup>22</sup>

A oposição que se estabelece com base em critérios de realismo e idealização, no fundo de verosimilhança e inverosimilhança ou até distopia e utopia, permite distinguir o mito épico dos heróis – que são protegidos por deuses e convivem, misturando-se, com musas, ninfas – do livro de aventuras de anti-heróis, a que *Peregrinação* daria voz, porque, segundo Moraes, os homens de *Peregrinação* “não são anjos; estão mesmo muito longe disso. Os defeitos, os vícios, os crimes, [...] que a *Peregrinação* tão claramente revela nas ações daqueles milhares de portugueses, não constituem um ignominioso privilégio, do que tenha[m] de envergonhar-se [...]; são os defeitos, são os vícios, são os crimes da humanidade inteira”<sup>23</sup>. Enquanto a epopeia *Os Lusíadas* divinizaria o homem, retratando por isso homens extraordinários, sem defeitos, sem vícios ou crimes, cuja heroicidade seria pouco verosímil, a *Peregrinação* destacar-se-ia por oferecer retratos de homens ordinários, com qualidades simultaneamente nobres e baixas, homens que seriam dominados, segundo o autor, pelo “espírito de lucro, de rapina, de fanatismo, de intolerância religiosa e de todos os desregramentos concomitantes, acompanhados geralmente de uma coragem inaudita”<sup>24</sup>. Muito embora a recepção crítica de *Peregrinação* seja consensual a acusar a “aparente falta de verosimilhança dos episódios narrados”<sup>25</sup>, é a verosimilhança do humano que cativa Moraes e o leva a identificar-se com o anti-herói de *Peregrinação*. Opõem-se, por meio deste contraste, géneros literários que oferecem diferentes registos

<sup>15</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 31.

<sup>16</sup> Em *Relance da alma japonesa*, Wenceslau de Moraes defende mesmo que o pioneirismo português no contacto com o Japão faz com que “nenhum povo europeu po[ssa] melhor compreender este espírito japonês do que nós, portugueses”. W. de Moraes, *Relance da alma japonesa*, p. 59.

<sup>17</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 31.

<sup>18</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 39.

<sup>19</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 39. A aproximação maior que Wenceslau de Moraes reclama a *Peregrinação* do que a *Os Lusíadas* dever-se-á, por certo, ao maior protagonismo que o Extremo Oriente, em particular o Japão, assume naquela obra.

<sup>20</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 29.

<sup>21</sup> W. de Moraes, *O “Bon-Odori” em Tokushima – caderno de impressões íntimas*, p. 327, disponível em <http://archive.org/details/obonodoriemtokus00mora>.

<sup>22</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 40; ênfase minha.

<sup>23</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 38.

<sup>24</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 37.

<sup>25</sup> R. M. Loureiro, “O grande retrato do mundo oriental: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, p. 35.

do humano e diferentes perfis, sobretudo morais e éticos, de herói: de um lado a poesia épica, do outro lado a narrativa de viagem, de aventura.

O desejo que Wenceslau de Moraes formula de descrição do homem tal como ele *realmente* se oferece ao exame convoca o desejo do *realmente* que Roland Barthes formularia como “efeito do real”<sup>26</sup> e que Antoine Compagnon viria a entender como a produção da ilusão de um discurso verdadeiro sobre o mundo real<sup>27</sup>. Esse desejo é, todavia, aparentemente comprometido pela imagética do paraíso que o autor associa, na sua obra, ao Japão e que ecoa, as demais vezes, o episódio camoniano da “Ilha dos Amores”, que chega a ser parcialmente transcrito em *O Bon-Odori em Tokushima*. O que Moraes faz através do intertexto camoniano é transportar o Japão, o elemento estrangeiro, para o universo de referências do leitor português e elevar esse arquipélago que ele habita ao plano maravilhoso, por conseguinte considerando-se grato pela sua própria sorte<sup>28</sup>. Moraes faz equivaler a sua experiência do Japão a essa experiência do encontro amoroso dos navegadores portugueses com o divino, que a “Ilha dos Amores” simboliza, de modo a celebrar o Japão face à sua pequenez de homem ocidental. Através desta perspectiva utópica, convoca ainda um outro herói nacional: Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia, assim se compondo o quadro do relacionamento entre Portugal e o Japão através de três figuras históricas que teriam contribuído para o fortalecimento das relações entre Este e Oeste.

A importância do episódio camoniano na obra de Moraes é assinalada pelo realizador Paulo Rocha, cujo filme em torno da vida de Wenceslau de Moraes retoma, no título, o imaginário dessa utopia: *A Ilha dos Amores* (1982). Mário Avelar vê o título do filme como uma forma de celebração de um “*pathos* (logo, a perspetiva/narrativa de um sujeito)” e consagração de “uma estrutura (os instantes dessa narrativa pessoal)”, que o levam a questionar-se: “*Topos da paixão, ilha imaginária, ou ilha real onde o topos se realiza?*”<sup>29</sup>

Nas linhas de abertura de *Dai-Nippon (o grande Japão)*, cuja primeira edição, no âmbito do ciclo comemorativo da descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1898, dedica a Fernão Mendes Pinto, Wenceslau de Moraes insiste na imagem paradisíaca do Japão, apelando à memória cultural e histórica do

leitor português: “[A]s narrativas de Fernão Mendes Pinto e de outros traduzem esse encanto que emana do delicioso arquipélago, ainda hoje sobressaltando o viajante; encanto que então daria à paisagem tons ameníssimos de cantinho de paraíso, legado milagrosamente aos filhos de Eva”<sup>30</sup>. O espaço do encontro amoroso que a citação evoca relembra a ilha camoniana, a mesma que acolhe Vasco da Gama e a sua armada. Não é despidendo mencionar, neste ponto, Stephen Reckert, para quem Camões inaugura, dentro da genealogia das narrativas de viagem portuguesas, a “elaboração mais circunstanciada da equação ilha = Mulher”, pela qual se desenvolve a relação “entre a deusa [Vénus] e a ilha que habita e da qual é o espírito tutelar”<sup>31</sup>. À luz desta imagética, inspirada numa visão adâmica, Wenceslau de Moraes perfila-se como herdeiro do humanismo renascentista, assim se provando discípulo daquele que identifica como seu mentor e contemporâneo de Camões.

#### ETHOS DA MODÉSTIA

Outra categoria é apresentada por Wenceslau de Moraes para opor Fernão Mendes Pinto a Camões e se aproximar, ele próprio, do aventureiro quinhentista: refiro-me ao *ethos* da modéstia, que está intimamente ligado à expectativa de um efeito do real, de “como eles realmente se lhe ofereciam ao exame”<sup>32</sup>. E indispensável a esse exame seria, como se viu, a experiência directa, não-mediada, do Oriente. Daí a importância do olhar testemunhal, impressionista e impressivo, cujo representante máximo seria Fernão Mendes Pinto e que, mais tarde, seria central na própria poética de Moraes, ao assumir – pelo menos, é esta a linha de leitura que desejo avançar – a tarefa de restaurar a tradição da narrativa de viagem inaugurada por aquele. Este restaurar da tradição faz-se sobretudo do retomar de espaços geoculturais percorridos por Mendes Pinto, da recuperação consciente de uma memória histórica, iniciada em Quinhentos, e de um dispositivo de análise do real diverso, de que o *ethos* da modéstia é parte.

Este *ethos* da modéstia está bem patente no modo como tanto o narrador de *Peregrinação* como o narrador da prosa de Wenceslau de Moraes se definem enquanto sujeitos de uma escrita autobiográfica, próxima da diarística, presentando o leitor com a narrativa da sua vida. Na *Peregrinação*, como bem relembra

<sup>26</sup> R. Barthes, “L’Effet de réel”, pp. 84-89.

<sup>27</sup> A. Compagnon, *Le Démon de la théorie – littérature et sens commun*, p. 127.

<sup>28</sup> Apesar da relação reconhecidamente ambígua de Wenceslau de Moraes com o espaço de Macau, que oscila entre a sedução e a repulsa, o eufórico e o disfórico, nele descobre “A Gruta de Camões” (1890) que, à semelhança da ilha camoniana, considera ser “um dos sítios mais aprazíveis do nosso pequenino domínio no Extremo Oriente”. W. de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, p. 62.

<sup>29</sup> M. Avelar, “Atos biográficos na sedução da imagem – *A Ilha dos Amores*”, de Paulo Rocha”, p. 118.

<sup>30</sup> W. de Moraes, *Dai Nippon (o grande Japão)*, p. 89.

<sup>31</sup> S. Reckert, *Para além das neblinas de Novembro: perspectivas sobre a poesia ocidental e oriental*, pp. 158 e 205.

<sup>32</sup> W. de Moraes, *Fernão Mendes*, p. 40.

João David Pinto-Correia, predomina o testemunho de um Eu que se dilui num colectivo, numa ordem plural:

[O] cenário humano é quase sempre plural: quer no plano dos Portugueses (o “nós” em aventura ou em missão no Oriente), em que o sujeito muito naturalmente se insere; quer no plano dos “outros” (do “Outro”), no qual, pelas vicissitudes narradas, o “eu” também pode integrar-se num “nós” (o colectivo “eu” e os “outros”).<sup>33</sup>

A prosa de Wenceslau de Moraes constrói-se também sobre este binómio Eu/Outro, constrói-se sobre a tensão entre o singular – o Eu implícito de Moraes – e o plural – “nós”, portugueses, ou “eles”, os Outros, os japoneses. Ao longo da sua prosa, o autor faz variar o seu ponto de vista através de um movimento pendular “entre lugares”: ora assume o ponto de vista do leitor português distante, ao posicionar-se dentro do espaço cultural português (através do “nós, portugueses”<sup>34</sup>, “Nós, os loiros do Ocidente”, “nós, ouvidos bárbaros”<sup>35</sup>, em oposição ao colectivo “os japoneses” ou “as japonesas”), ora se posiciona, através de um jogo deíctico, dentro do espaço extremo-oriental – “aí na vossa Europa” mas “[a]qui, em Tokushima”.<sup>36</sup>

O estatuto autobiográfico permite a Mendes Pinto e a Moraes professarem o *ethos* da modéstia. No caso do primeiro, o recorrente lamento como “pobre de mim” ilustra, para João David Pinto-Correia,

a modesta atitude de um português que se considera como qualquer um dos plebeus viajantes portugueses pelo Oriente, isto é, um português nada invulgar [...], o qual trava conhecimento com gentes, paisagens e costumes singulares, perante os quais se sente “pequeno”, porquanto a realidade é maior, “mais rica”, do que se pensaria.<sup>37</sup>

Este “pobre de mim” dá lugar em Wenceslau de Moraes a uma atitude de constante humildade e desinteresse, por vezes até excessivo, por si mesmo e pela sua obra, que se traduz em declarações como: “A respeito dos meus livros, [...] [n]ão os procure; eles pouco ou nada valem” (carta de 5 de Fevereiro de

<sup>33</sup> J. D. Pinto-Correia, “A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado”, p. 175.

<sup>34</sup> W. de Moraes, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, p. 59.

<sup>35</sup> W. de Moraes, *Os serões no Japão*, pp. 37 e 191.

<sup>36</sup> W. de Moraes, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, p. 114.

<sup>37</sup> J. D. Pinto-Correia, “A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado”, p. 181.

1927 a João Amorim<sup>38</sup>). Descrente da nação e do progresso, da missão cristã e do homem ocidental, o autor procurou a Oriente o conforto espiritual e moral que não teria encontrado a Ocidente. Essa procura teria culminado no recolhimento em Tokushima nos últimos anos da sua vida, a partir de 1913, e no despojamento material, que evidenciam a busca de um ideal estético a Oriente. Ao contrário de Mendes Pinto, seduzido pela possibilidade de riqueza material<sup>39</sup>, Moraes viu-se seduzido pela riqueza humana e espiritual encontrada no Japão, ambos concretizando viagens resultantes de uma necessidade. Mas se na viagem de Mendes Pinto, tal como na de Camões, houve um regresso à pátria, na viagem de Moraes, sem retorno ao ponto de partida, a pátria é constantemente revisitada à distância, fazendo eco do seu percurso os versos de José Jorge Letria que servem de epígrafe a este ensaio: “[E]u que sou de todos os lugares e de lugar nenhum./eu que sou do sítio da saudade de já não ter pátria/sem nunca ter consentido que ela morresse em mim”.<sup>40</sup>

#### ESTÉTICA DO FRAGMENTO

A terceira categoria de análise que permite, a meu ver, estabelecer uma maior afinidade entre Moraes e o prosador Mendes Pinto, em vez do poeta Camões, é de duas ordens: morfológica e estética.

A *Peregrinação* representa, para Moraes, “apenas um livro de notas de viagem”. E essas notas de viagem têm por base uma estética do fragmento, que entendo como unidade de medida da prosa moraesiana, que oscila entre a crónica, a diarística, a epístola, o conto. A estética do fragmento, ao mesmo tempo que facilita este hibridismo genológico, adequa-se ao ritmo digressivo de Moraes na exploração do território e da novidade nipónicos, podendo ser mesmo entendida como uma forma idiossincrática de contacto e relação com o espaço e as gentes do Oriente nipónico.

Com efeito, Wenceslau de Moraes argumenta, por diversas vezes, a favor de uma “intraduzibilidade emocional”<sup>41</sup>, ou seja, de uma insuficiência da linguagem humana para captar a totalidade da experiência e da diversidade humanas

<sup>38</sup> W. de Moraes, *Cartas do Extremo Oriente*, p. 145.

<sup>39</sup> Possibilidade essa que saíra gorada: “E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, [...] determinei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios, e que era o resto do que tinha gasto em serviço deste reino, e deixar o feito à justiça divina.” F. M. Pinto, *Peregrinação*, 2.º volume, p. 812.

<sup>40</sup> J. J. Letria, *Wenceslau de Moraes – o profeta do orvalho*, p. 20.

<sup>41</sup> J. Sallis, “Varieties of Untranslatability”, *On Translation*, p. 114.

e para articular ou nomear essa experiência e diversidade, nele sendo frequentes afirmações tais como: “A exclamação escapa-se-nos; e é tudo, na impossibilidade de traduzirmos por qualquer forma o que se nos revela”<sup>42</sup>. Por um lado, à opção estética e formal pelo fragmento corresponde a impossibilidade de escrita contínua sobre o Outro, a que a referida intraduzibilidade emocional conduz. Por outro lado, os fragmentos que estruturam a prosa moraesiana, podendo embora apontar para uma espécie de anarquia discursiva, ainda que respeitem quase sempre uma sequenciação cronológica ou lógica expositiva, e ainda que a unidade dos fragmentos esteja assegurada pela continuidade de uma mesma voz narrativa, oscilam entre um registo cuidado e um registo coloquial, mais próximo dos homens que não são anjos, ao mesmo tempo que se adequam ao movimento de constante observação da realidade circundante e registo das impressões que ela suscita no sujeito. Sugere-se, desta forma, uma narrativa que se constrói a par da experiência em tempo real e que resultaria de uma pressa de contar, uma mesma pressa que Eduardo Prado Coelho vislumbra na *Peregrinação*<sup>43</sup>. A estética do fragmento contribui para o acentuar do tom, em geral, confessional e testemunhal da obra moraesiana, que reúne assim um conjunto de anotações soltas apensas à constante (re)descoberta da novidade nipónica.

#### NOTAS CONCLUSIVAS

Em suma, na literatura e história nacionais, Wenceslau de Moraes tende a ser colocado lado a lado com nomes como João de Barros, Luís Fróis, Diogo do Couto, Luís de Camões ou Fernão Mendes Pinto, pela experiência em primeira mão que todos partilham do Extremo Oriente<sup>44</sup>. Deste grupo de heróis nacionais, é o último que Moraes elege como seu mentor, recordando, através desta predilecção, o pioneirismo e o espírito empreendedor do Portugal renascentista, recuperando a imagem de um Japão localizado num passado anterior à modernização oitocentista imposta pela Europa industrial e tecnológica – um Japão cujo primeiro elemento de modernidade lhe fora dado a conhecer por portugueses com a introdução da arma de fogo –, reabilitando a figura do (anti-)herói individual, mas com ecos colectivos, que para si Fernão Mendes Pinto personifica.

Fernão Mendes Pinto foi um aventureiro que passou, como afinal também Wenceslau de Moraes passou por muitos e grandes trabalhos, infortúnios,

perigos e miséria. Mas, ao contrário daquele, quis Moraes acreditar ter encontrado o remédio de que ia em busca nos confins da Ásia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVARES, José, “A visão do Oriente em Wenceslau de Moraes”, *Nam Van*, n.º 12, 1985, pp. 24-26
- AVELAR, Mário, “Ato biográfico na sedução da imagem – *A Ilha dos Amores*, de Paulo Rocha”, *Comunicação & Cultura*, n.º 13, 2012, pp. 117-127
- BARTHES, Roland, “L’Effet de réel”, *Communications. Recherches sémiologiques le vraisemblable*, 11, 1968, pp. 84-89
- COELHO, Eduardo, “Marginais”, *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, 1.º volume, versão para português actual e glossário de Maria Alberta Menéres, Lisboa: Relógio D’Água, 2001 [1989], pp. 11-15
- COMPAGNON, Antoine, *Le Démon de la théorie – littérature et sens commun*, Paris: Seuil, 1998
- LABORINHO, Ana Paula, “Introdução”, in Wenceslau de Moraes, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, Lisboa: Instituto Camões e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 6-27
- LETRIA, José Jorge, *Wenceslau de Moraes – o profeta do orvalho*, Lisboa: Fundação Oriente, 2004
- LOUREIRO, Rui Manuel, “O grande retrato do mundo oriental: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, in *Portugal-China: 500 anos*, Lisboa: Babel e Biblioteca Nacional de Portugal, 2014, pp. 35-38
- MARTINS, Albano, *Estão agora floridas as magnólias*, Porto: Edições Afrontamento, 2012
- MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Extremo Oriente*, organização, introdução e notas de Daniel Pires, Lisboa: Fundação Oriente, 1993
- MORAES, Wenceslau de, *Dai-Nippon (o grande Japão)*, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda., 1972
- MORAES, Wenceslau de, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, introdução e organização de Ana Paula Laborinho, Lisboa: Instituto Camões e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004
- MORAES, Wenceslau de, *Mensagens de Honshu e de Shikoku. A correspondência de Wenceslau de Moraes para Vicente Almeida d’Eça*, introdução, transcrição, notas e comentários de Jorge Dias, [s.l.]: Instituto Português do Oriente, 1998

<sup>42</sup> W. de Moraes, *Traços do Extremo Oriente*, p. 131.

<sup>43</sup> E. Prado Coelho, “Marginais”, *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, 1.º volume, p. 14.

<sup>44</sup> J. Álvares, “A visão do Oriente em Wenceslau de Moraes”, p. 24.

- MORAES, Wenceslau de, *O "Bon-Odori" em Tokushima – caderno de impressões íntimas*, Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1916, disponível em <http://archive.org/details/obonodoriemtokus00mora>
- MORAES, Wenceslau de, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, introdução e notas de Tereza Sena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006
- MORAES, Wenceslau de, *Os serões no Japão*, 2.ª edição, introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda., 1973
- MORAES, Wenceslau de, *Relance da alma japonesa*, introdução e edição de Aradne Nunes e Marta Ribeiro Pinto, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015
- MORAES, Wenceslau de, *Traços do Extremo Oriente*, 2.ª edição, introdução de Armando Martins Janeira, Lisboa: Parceria A. M. Pereira, Lda., 1971
- PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, 2 volumes, versão para português actual e glossário de Maria Alberta Menéres, Lisboa: Relógio D'Água, 2001
- PINTO-CORREIA, João David, "A construção do colectivo na *Peregrinação*: percursos e significado", *O discurso literário da Peregrinação: aproximações*, organização de Maria Alzira Seixo e Christine Zurbach, Lisboa: Cosmos, 1999, pp. 169-212
- RECKERT, Stephen, *Para além das neblinas de Novembro: perspectivas sobre a poesia ocidental e oriental*, tradução de Dídia Marques Reckert, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999
- SALLIS, John, "Varieties of Untranslatability", *On Translation*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 2002, pp. 112-122
- SILVA, Agostinho da, "Wenceslau de Moraes", *Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira*, vol. II, Lisboa: Âncora Editora, 2001 [1971], pp. 221-224